

# BEM- WINDO VDA AREA

# CHRISTIAN MCKAY HEIDICKER





**BEM-VINDO À  
VIDA REAL**



**CHRISTIAN MCKAY HEIDICKER**

**BEM-VINDO À  
VIDA REAL**

TRADUÇÃO DE GLENDA D'OLIVEIRA



Copyright © 2016 by Christian Heidicker

Esta edição foi publicada mediante acordo com Simon & Schuster Books For Young Readers, um selo da Simon & Schuster Children's Publishing Division. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida, em nenhuma forma ou meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento, sem a permissão por escrito da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Cure for the Common Universe

PREPARAÇÃO

Luciana Figueiredo

REVISÃO

Bruno Alves

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO TÉCNICA

Vinicius J. Serra Pereira

PROJETO GRÁFICO

Hilary Zarycky

DIAGRAMAÇÃO

Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGEM DE CAPA

© 2016 by eBoy

DESIGN DE CAPA

Greg Stadnyk

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro | linesribeiro.com

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H372b

Heidicker, Christian McKay, 1982-

Bem-vindo à vida real / Christian McKay Heidicker ; tradução

Glenda D'Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.

320 p. : il ; 21 cm.

Tradução de: Cure for the common universe

ISBN 978-85-510-0167-7

1. Ficção americana. I. D'Oliveira, Glenda. II. Título.

17-40006

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2017]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para minha amiga Broccoli*

*Sabe, em alguns esportes humanos,  
aquele que fizer a menor quantidade de pontos é quem ganha.*

— GLaDOS, *Portal 2*



## Insira o nome do jogador

**E**u tinha dezesseis anos quando fiz uma garota rir pela primeira vez.

Foi um acidente.

Uns vinte minutos antes, apenas uma coisa ocupava minha mente: proteger a *Mona Lisa* de uma horda de esquilos.

— Aperta uma das tetas para dar sorte — disse um dos Cavaleiros Espectrais pelo meu fone de ouvido.

— Feito — respondi.

Relâmpagos lampejaram na tela do computador. Um trovão ribombou nos meus ouvidos. A música se inflamou com o som de trompetes, tambores de guerra, esquilos entoando hinos de batalha... E pés marchando pelo corredor do lado de fora do quarto.

Meus ombros ficaram tensos quando a porta se abriu, e a luz lá de fora ofuscou o campo de batalha com um clarão.

— Você não ia fazer um pouco de exercício hoje de manhã?

Parada no batente da porta, a silhueta de Casey, minha ma-drasta, marchava sem sair do lugar.

— Vou à tarde. — Em seguida, me dirigi ao microfone: — Vamos proteger aquele beco, galera.

— Já são três da tarde — retrucou Casey.

— Sério?

Semicerrei os olhos para o brilho suave que entrava pelas frestas dos lençóis cobrindo as janelas. Minha atenção voltou imediatamente para o monitor. Tentei ignorar o chiado irritante dos tênis de Casey — *squik, squik, squik* — e me concentrar no início da batalha.

— Peguei o D — falei.

Meu guerreiro cortou e derrubou um andaime para que os pinguins pudessem ter material suficiente para construir uma barricada.

— Preciso que você lave o carro — anunciou Casey. — Choveu ontem à noite, e agora ele está cheio de marcas de respingos.

— “Preciso” é uma palavra curiosa. Eu *preciso* destruir este exército de esquilos.

Casey parou a marcha e se recostou no batente da porta, na típica pose furiosa que devia usar desde o ensino médio. Era uma aposta segura, considerando-se que ela tinha se formado fazia apenas quatro anos.

— Galera — falei ao microfone —, se o peixe-boi robô deles conseguir chegar até a passagem, ferrou.

— Você já se perguntou por que nunca teve uma namorada?

— Na verdade — falei, golpeando com o machado —, uma garota me mandou uma mensagem ontem à noite.

— Posso ler?

— Não, não pode.

— O que é que ela disse?

— Acaba com ela!

A última fala era direcionada aos Cavaleiros Espectrais, pois Sumô Mama estava atacando minha barricada.

— Sabe, Jaxon, você não seria rejeitado tantas vezes se fizesse um pouco mais de exercício.

— Droga. Os esquilos estão avançando, galera.

Cliquei furiosamente no mouse, criando redemoinhos para manter a onda de roedores sob controle. Não ia levar a sério os conselhos de alguém que teria rejeitado um garoto como eu apenas quatro anos antes.

— Você tem que sair mais.

— Ah, é? Só isso?

— É, só isso.

Continuei com os cliques.

— Que tal eu também colocar um daqueles relógios que contam os passos e ficar andando pela casa que nem um idiota, pintando as unhas e reclamando de algumas gotinhas no meu... *Droga!* — Meu guerreiro foi obliterado e transformado em uma poça pegajosa no asfalto. — Você está me matando, Casey. Gente, estou regenerando. Segura eles.

O espírito do meu guerreiro flutuou acima das ruas de Arcadia até o cemitério mais próximo.

O silêncio de Casey me fez virar na cadeira.

Ela estava me olhando feio.

— Ai, meu Deus! Você vai chorar de novo?

Casey se virou e saiu resmungando pelo corredor.

— Não precisa se preocupar, não! — gritei para ela, rolando com a cadeira pelo piso. — Eu mesmo fecho a porta!

Bati a porta com força e rolei de volta para o computador. Meu guerreiro ainda estava se regenerando no cemitério, tiras de músculo envolvendo seus ossos.

Peguei o celular e reli a mensagem de texto daquela menina:  
*ecaaaaa o jaxon me chamou pra sair*

Tinha quase certeza de que a mensagem era para outra pessoa.

— Sinta o gostinho do meu machado! — gritou meu personagem.

Revivido dos mortos, comecei a marchar em direção à Praça Chumbo Grosso ao mesmo tempo em que passos mais pesados ressoavam pelo corredor. Novamente, meus ombros ficaram tensos quando a porta foi aberta. A chave do Xterra do meu pai aterrisou na escrivaninha.

— Ou você limpa o carro ou eu cancelo a sua conta no jogo — ameaçou ele.

— Você não pode fazer isso — retruquei, os olhos ainda na tela. Enquanto guiava o guerreiro de volta para o confronto, abri a gaveta e tirei meu boletim. — Nota: dez! Lembra?

A batalha foi engolida pelo breu.

— Mas o que...

Virei e vi meu pai segurando o fio do computador, desconectado da tomada.

— Estamos renegociando.

— Pai, estou no meio de um *campeonato*!

— E daí?

— Argh!

Joguei o fone de ouvido longe, peguei a chave e irrompi porta afora, na esperança de retornar antes que os Cavaleiros Espectrais perdessem a partida. Entrei no carro, saí da garagem e acelerei pelas ruas de Salt Lake City, semicerrando os olhos para o céu claro de verão. Para mim, a graça das férias de verão não era fazer piqueniques, trilhas ou bater uma bolinha. Na verdade, significavam poder me aventurar por *Arcadia* doze horas por dia sem meu pai pegar no meu pé...

Pelo menos até então, por alguma razão estúpida.

Cheguei ao lava jato Brilho Cromado, parei na última garagem para evitar um atleta do meu colégio que estava lá lavando seu Mustang e passei três longos minutos tentando convencer a máquina de fichas a aceitar minha nota de cinco dólares amassada.

*reeeeeeen*

*reeoooooooooon*

*reeeeeeen*

*reeoooooooooon*

Dei um tapa nela.

— *Anda.*

Se os Cavaleiros ganhassem aquela partida, estaríamos a quatro vitórias de alcançarmos uma colocação no topo do ranking, elevando nosso time ao um por cento de melhores jogadores de *Arcadia* do mundo inteiro. E isso já era meio caminho andado para nos tornarmos profissionais.

Desamassei os cantos da cédula, alisei-a contra a máquina e tentei outra vez.

*reeeeeeen*

*reeoooooooooon*

— Vou acabar com você — jurei a ela.

*reeeeeeen*

*reeoooooooooon*

— *Argh!*

Eu era o tank do time. Sem os músculos e o machado cor-de-rosa do meu guerreiro, os Cavaleiros Espectrais seriam eviscerados, e suas tripas, espalhadas pela Praça. Se ao menos eu conseguisse voltar em dez minutos...

*reeeeeeen*

*reeoooooooooon*

Continuei agredindo a máquina até que um santo de chapéu amarelo se aproximou e trocou minha nota velha por outra lisinha.

*reeeeeeen*

*plin-plin-plin-plin-plin!*

Inseri as fichas com força na abertura, e grandes números vermelhos no visor começaram a contagem.

10:00... 9:59... 9:58...

Ergui a mangueira, ajustei o jato para a pressão mais alta e comecei a lavar o carro. Peguei o celular e enviei uma mensagem aos Cavaleiros:

*TOU AFK! CULPA DO MEU PAI. SEGUREM AQUELES ESQUILOS OU VOU SUFOCAR VOCÊS COM MINHA TE...*

Foi quando ela gritou.

Ergui os olhos e descobri que minha mira tinha viajado de onde o carro estava até uma garota perto da máquina de fichas. Tirei o dedo do gatilho, mas já era tarde demais. Ela estava encharcada.

A garota estava boquiaberta. Água escorria pelos braços. Ela me encarou, em choque.

— Eu... Eu... — Fiquei sem palavras.

Continuei parado lá como um perfeito idiota por dez longos segundos. A garota finalmente revirou os olhos e agitou as mãos para fazer as gotas caírem. Enquanto espremia o excesso de água dos cabelos e apertava as orelhas para se livrar da umidade, comecei a me dar conta de como ela era bonita — pele alva e lisa, tranças negras lustrosas, boca como um pula-pula inflável no qual eu queria *me atirar*.

Encarei a beleza gotejante que precisava de ajuda — o fato de que tinha sido eu quem a deixara ensopada para começo de conversa não era relevante.

— Hum... — comecei, olhando ao redor do lava jato. — Eu ofereceria a minha camiseta, mas não saio de casa faz um tempo, e acho que a minha brancura ia acabar cegando você.

Ela me encarou, e por meio segundo pensei que fosse começar a gritar comigo. Mas, então... Ela riu. *Riu*.

— Tudo bem, sem problema. — Ela começou a torcer a bainha da camiseta.

Normalmente, eu tentaria agir com descontracção fingida diante de uma garota. Com cavalheirismo, pelo menos. Mas, ali, me

senti relaxado o suficiente para usar o mesmo senso de humor que usaria com os Cavaleiros.

Era impossível que uma menina a quem eu tinha acabado de atacar com a mangueira fosse querer continuar falando comigo.

Possibilidade zero.

Certo?

Ela indicou o Xterra com a cabeça.

— É um alvo bem grande para você errar assim, cara.

— Foi de propósito. — Olhei para o borrifador. — Achei que era isso que as garotas faziam em lava jatos: apareciam de camiseta branca e riam enquanto tomavam banhos de mangueira.

Ela riu outra vez. *Pela segunda vez.*

— O concurso Garota da Camiseta Molhada só começa às cinco da tarde — brincou ela, agitando a blusa e me dando vislumbres da sua barriga.

Estendi a mangueira.

— Quer vingança? Não fico tão bem de camiseta molhada, mas...

Ela bufou, achando graça.

— Tentador.

Não foi embora.

Em vez disso, fechou os olhos, inclinou a cabeça para trás e esticou a blusa na direção do sol. Seus seios estavam aparentes sob o pano ensochado. Olhar para eles me fez sentir vergonha das minhas próprias mamas, que eram grandes para um homem, mas também não chegavam a ser, sei lá, páreo para os peitos da Chun-Li nem nada parecido. Olhei para baixo e lembrei que estava vestindo uma camiseta com o cogumelo do *Super Mario Bros.* estampado e os dizeres “Não quero crescer”. Que inferno. Por que eu tinha uma coisa imbecil daquelas no armário?

Cruzei os braços, tentando esconder o cogumelo e o peito da melhor maneira. Os Cavaleiros Espectrais fazerem piada com

meus peitos era muito diferente de deixar uma garota vê-los na vida real.

— Então, hum, qual é o seu nome?

A desconhecida manteve o rosto virado para o sol.

— Serena.

— O meu é Jaxon.

— Prazer, Jaxon — cumprimentou, pois aparentemente era isso que garotas lindas e interessantes diziam ao conhecer alguém: *prazer*.

Houve alguns momentos de silêncio desconfortável enquanto um homem qualquer passava aspirador de pó no interior da sua picape ali perto. Minha inexperiência deu o ar da graça.

— Bem, curti conhecer você, Serena. Foi mal pelo... É...

Virei de costas antes de descruzar os braços e continuei a lavar o carro.

6:34... 6:33... 6:32...

Tinha me esquecido da batalha na Praça Chumbo Grosso. Cem por cento da minha atenção estava concentrada em Serena — a bela e encharcada Serena — na minha visão periférica.

Ela estava diante da máquina de fichas.

*reeeeeeen*

*reeeo0000000on*

*reeeeeeen*

*reeeo0000000on*

— Boa sorte com isso aí — falei por cima do ruído da mangueira. — A máquina odeia gente maneira.

— Como é que você fez para ela funcionar?

Meu Deus. Ainda estávamos conversando. Eu consegui manter um diálogo. Olhei de relance para o cara de chapéu amarelo com notas lisinhas. Se ele lhe desse uma cédula nova, ela pegaria as fichas e partiria. Olhei em volta à procura do carro de Serena.

— É... você veio aqui lavar o quê?



Ela apontou. Escorada contra a parede de tijolos, vi uma bicicleta roxa e velha, cheia de lama e arranhões.

— Acabei de comprar por vinte pratas — contou ela, indo até a bicicleta e chacoalhando o guidão. — O cara me disse que a cera daqui faz milagres.

As pessoas ainda andavam de bicicleta? Eu não subia em uma desde os nove anos. Daí as tetas.

— Traz para cá — sugeri, acenando para a garagem.

— Tem certeza?

Indiquei com a cabeça a camiseta molhada dela.

— Estou te devendo uma.

Serena guiou a bicicleta pelo guidão até onde eu estava. Apon-tei com a mangueira, mas ela ergueu a mão, sorrindo de maneira muito adorável.

— Posso? Não quero correr o risco de você se distrair de novo.

Ela limpou a lama da bicicleta com o jato da mangueira enquanto eu esperava encostado na parede, os braços cruzados com firmeza. Meu celular vibrou no bolso. Ignorei.

— Então, você meio que me odeia para sempre?

Ela deu de ombros.

— Curto o que me tira da rotina. É que nem dar um tapa num toca-discos. A vida pode ficar com uma trilha sonora melhor.

E foi naquele instante que soube que me apaixonaria por ela.

Enquanto Serena lavava e meu telefone vibrava, fiz uma busca rápida no cérebro à procura de assuntos interessantes para uma conversa. Tudo o que eu fazia era jogar videogame e estudar para a escola. Aquilo não me deixava com muitas opções.

— Então, é... sabia que o cara que escreveu *Guerra dos mundos* criou o conceito da bomba atômica trinta anos antes de ela ser inventada e que também foi ele quem deu esse nome para ela?

— Sério? — Serena não estava me encarando, mas sua ento-nação não era de tédio.

— É. Hum... tem um monte de escritor de ficção científica que fez descobertas interessantes de verdade que nem essa. Tipo, foi o Júlio Verne quem teve a ideia do submarino e... — Meu celular não parava de vibrar. — Ah, um minuto.

Havia sete mensagens não lidas dos Cavaleiros.

*Moleque kd vc?*

*Moleque.*

*Moleque!*

*Localização?*

*MLK CADÊ VOCÊ?*

*A gente está se ferrando.*

*Você está ferrando a gente.*

Tinha ficado ausente da partida por mais de quinze minutos. Se fosse embora naquele instante, ainda poderia chegar a tempo...

Silenciei o telefone.

— Onde é que eu estava?

— Júlio Verne? — respondeu Serena.

Sorri. Ela estava prestando atenção.

Quando terminei de espremer meu cérebro todo em busca de qualquer fato interessante não relacionado a videogames e a bicicleta já estava limpa e brilhante e parecendo valer bem mais que vinte dólares, Serena a levou para o sol para deixá-la secar.

— Bem, valeu pela limpeza. Da bicicleta *e* a minha.

Ela torceu a bainha da camiseta uma última vez. Nenhuma gota.

Meu coração começou a titubear. Serena ia embora. Eu não queria que fosse; queria que ela ficasse. Queria que continuasse comigo até termos tido um encontro e nos beijado pela primeira vez, e ela ter se dado conta de que eu era um cara incrível e que provavelmente deveríamos namorar. E, por mais que eu soubesse com certeza que não havia possibilidade, de jeito algum, em nenhum universo imaginável, de que eu fosse conseguir sair com

uma garota como ela, fiquei pensando: e se houvesse, afinal, uma chance, e a única maneira de torná-la realidade fosse abrir minha boca idiota e fazer algo a respeito naquele exato segundo?

— Então, hum — comecei —, ainda estou bem mal por ter dado aquele banho em você... na verdade, eu não... não acho que a gente está quite ainda.

Ela estendeu a mão, pedindo pela mangueira, como se fosse um convite para me molhar. Não a entreguei. Nós dois sorrimos.

— Você tinha alguma outra coisa em mente?

— Ah, tinha, sim, na verdade. Será que você, talvez, tipo...

Serena ergueu as sobrancelhas, como se dissesse *Vai direto ao ponto, cara*.

— É, você sabe, tipo, quer...

*TRIIIMMMM!*

O cronômetro do lava jato tocou e me deu um baita susto.

Os grandes números vermelhos piscavam, mostrando 0:00.

— Meio assustador, não é? — zombou ela.

— Ah, é. — Cocei a nuca e encarei o chão. Podia sentir minhas mamas contra a malha da camiseta.

— Então, você estava dizendo...?

Hesitei.

De alguma forma — impossível, breve e momentânea —, tinha conseguido conversar com aquela garota, achando que nunca mais a veria de novo. E aquilo me fez relaxar o suficiente para fazê-la rir, não uma nem duas, mas *três* vezes.

Bom, duas risadas e uma risadinha, para ser mais específico.

— Que-tal-um-jantar? — sugeri, e prendi a respiração.

Ela demorou um momento para considerar o convite, como se fosse a máquina de fichas refletindo se deveria aceitar ou não minha nota amassada.

Tinha ferrado tudo?

Tinha, sim.

Com certeza.

Merda.

— Quando?

— Hoje?

— Hoje não posso.

— Amanhã?

— Também não. Vou estar ocupada até quinta, na verdade.

— E na própria quinta? — tentei.

— Hum... — Serena testou as marchas da bicicleta. Poderia jurar que olhou de relance para o cogumelo estampado na minha camiseta. — Por mim, tudo bem. — Ela sentou no banco, apoiando um pé no pedal e o outro no asfalto. — Até me despediria com um abraço, mas, você sabe...

Ela franziu a testa para a blusa úmida.

— Ah. Claro. A gente pode deixar o abraço para quinta.

Foi a coisa mais estúpida que poderia ter dito. Ainda assim, Serena soltou um risinho.

Ai, Deus, e se ela mudasse de ideia entre aquele segundo e quinta-feira?

— Posso te ligar?

— Não dá — respondeu ela. Senti um aperto no peito. Foi então que ela deu tapinhas no bolso. — Não tenho celular. Nem tenho Facebook.

Uma ludista! É claro! Aquela garota não curti tecnologia! Daí a bicicleta. E a referência ao toca-discos. Por isso que não tinha reconhecido minha camiseta do *Super Mario Bros*. Fiz uma pequena lista mental de assuntos nos quais não podia tocar pela duração do nosso namoro. Para ser sincero, incluía a maior parte da minha vida.

Serena tomou impulso e pedalou em pequenos círculos ao redor do estacionamento do lava jato, distanciando-se, aproximando-se, e se distanciando outra vez.

— Me encontra no Mandrake's, na Broadway — sugeri. — Você conhece?

— Hum... não.

— É muito bom. E nunca pedem identidade. Vou chegar às sete.

Ela endireitou o guidão e subiu na calçada.

— Beleza! — Acenei com a mangureira. — Vejo você no Mandrake's, quinta, às sete!

Serena desapareceu virando uma esquina.

Eu tinha um encontro. Um encontro de verdade. De repente, o futuro já não parecia mais tão desolador. O céu ofuscante de verão parecia quase bonito.

Meu celular vibrou outra vez.

*Vc morreu pra gente.*

Sorri. Pela primeira vez em anos, não dava a mínima para os Cavaleiros Espectrais. Ou para *Arcadia*. Um milagre tinha acabado de acontecer.

Mas, pensando bem, eu talvez pudesse aproveitar uma última partidinha antes de começar a me preparar para o encontro.

O carro continuava bastante sujo. Eu só tinha conseguido limpar a metade dianteira do carro e estava sem fichas. Dane-se. Casey podia aguentar ficar com a traseira do carro um pouco respingada por alguns dias.

Na volta para casa, não consegui parar de sorrir. Fiquei imaginando como faria Serena rir, várias e várias vezes, enquanto jantávamos no Mandrake's. Teria que vestir algo elegante, sem dúvida. Deveria depilar o rego? As pessoas faziam aquilo mesmo? Se sim, onde? E havia algum tipo de termo que a depiladora pudesse assinar declarando que, se algum dia me visse em público, durante um encontro no Mandrake's, por exemplo, seria obrigada a fingir que não me conhecia? Depilar as costas e os ombros era uma necessidade. Serena valia o sacrifício, eu

sabia. Mas e se me curvasse para pegar um garfo no chão ou coisa do tipo, e minha camiseta subisse, e ela descobrisse que eu era basicamente um Hobbit superalimentado? Será que eu seria capaz de perder treze quilos até quinta-feira? Achava que não. Mas Serena não parecia se importar com meu peso.

Será?

Teria aceitado sair comigo caso se importasse?


Provavelmente não.

Ou teria?

Inspirei fundo e sorri. Tinha quatro dias inteiros para refletir sobre aquelas questões.

Mas descobri que na verdade tinha só uns quatro minutos.





“Vamos considerar  
**O PIOR CENÁRIO POSSÍVEL,**  
tudo bem?”, propôs Fezzik.

Comecei a me preparar para o que viria a seguir. Passei a vida inteira enfrentando os piores cenários possíveis.

“E se ela não estiver interessada em namorar um gamer?”

Raspei com a unha um pouco da areia que estava grudada na minha calça.

“Tudo bem. Eu não me considero um gamer.”

Meeki bufou.

“Ah, claro, você só joga. E quem joga ganha as garotas...”

“Hilário”, falei. “Só que não ganhei nenhuma garota.”

“Eu não disse que você joga *bem*.”

ISBN 978-85-510-0167-7



9 788551 001677

[www.intrinseca.com.br](http://www.intrinseca.com.br)